

Orientação de Monografias em história da educação regional

Sandra A. Riscal

Coordenadora do *Grupo de Pesquisa em História da Educação Regional* das "Faculdades Integradas de Amparo" / Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

O propósito deste artigo é apresentar alguns aspectos da experiência de orientação de alunos para a elaboração de Monografias, desenvolvida a partir de 1995, para a disciplina "Trabalho de Graduação", do curso de Pedagogia, das "Faculdades Integradas de Amparo". Essas monografias têm como base pesquisas desenvolvidas pelos alunos em catalogação de fontes na região de Amparo, interior de São Paulo, abrangendo as cidades de Amparo, Serra Negra, Socorro, Jaguariúna, Lindóia, Monte Alegre e Morungaba.

O caminho escolhido para a orientação das monografias deve sua origem ao projeto de estudo da história regional do Departamento de Pesquisa da Faculdade. Ali encontrava-se um acervo de fontes primárias de Amparo, incluindo livros de matrículas, prontuários e atas de reuniões de escolas. A necessidade de catalogação e organização deste material determinou o direcionamento das pesquisas de alguns alunos para esta tarefa. As atividades desenvolvidas pelas alunas e alunos vêm permitindo não apenas o levantamento de dados e a exploração de inúmeras fontes até agora ignoradas, como também inserir os alunos no universo da pesquisa, possibilitando uma transformação substantiva da relação teoria/prática.

Os resultados positivos obtidos possibilitaram estender a tarefa para outros tipos de fontes, aproveitando a diversificada origem dos alunos. Passaram a ser registrados os conteúdos de almanaques, jornais, arquivos públicos e pessoais, livros de Câmaras, batismos, casamentos, e óbitos, registros em cemitérios e cartórios, inventários, testamentos, além de depoimentos de pessoas que freqüentaram a escola no período estudado. Logo passamos a dispor do registro de um vasto conjunto de documentos originais, até agora ignorados e pouco utilizados em estudos na área de educação.

A orientação das monografias tem permitido estender a formação teórica dos alunos, dentro do possível, representando um salto qualitativo em suas atuações no campo intelectual e pedagógico. Na maioria dos casos, a orientação dos trabalhos tem sido no sentido apenas da catalogação e registro. Em outros casos, orientados para a análise do material empírico e dos significados veiculados pelos documentos, tem sido possível recuperar algumas representações tanto dos porta-vozes do pensamento oficial como daqueles que pretenderam contrapor-se politicamente às práticas das classes dominantes, bem como explicitar as estratégias patrimonialistas de conservação das estruturas tradicionais de dominação e as formas de legitimação da autoridade. Todavia, o material acumulado tem sugerido ainda outras análises, suscitadas principalmente pela visão de conjunto resultante do processo de orientação.

Impõe-se aqui uma explicação a respeito do tratamento dado às fontes. Nelas podemos encontrar imagens prontas, tradições postas e aceitas a respeito da cultura e instituições das cidades. Em oposição, a orientação da pesquisa partiu do princípio de que os fatos não existem positivamente. Quando determinamos que um setor do real é um fato social partimos já de uma conceituação. Considerar um recorte do real um fato é

um ato derivado, pois ele só assume a sua condição fatural a partir das questões que nós lhe formulamos. Em sua forma bruta, os dados se apresentam confusos em nossa representação e cabe ao pesquisador atribuir a estes dados um grau de inteligibilidade através da conceituação.

Então, antes de tudo, é necessário ler as fontes e formular-lhes questões, buscar conceitos que articulem e sistematizem os dados para que estes possam adquirir uma dimensão inteligível. É o pesquisador quem decide se atribuirá importância aos discursos solenes, a esta ou aquela matrícula, às classes sociais, às relações materiais ou às construções mentais. É ele quem, finalmente, atribuirá um sentido à matéria em questão.

O problema inicial da pesquisa histórica consiste, como observa Paul Veyne, em conceituar. Conceituar é, diante de um todo inefável, delimitar, formular uma problemática e buscar novas questões. Observe-se: não se encontra previamente estabelecido um número determinado de problemas que uma documentação permite formular. Sempre haverá questões nas quais não pensamos, novos recortes e outras possíveis abordagens. É claro que dentre as diversas questões e conceitos que se podem apresentar, muitos se revelarão falsos. Mas isto não nos deve impedir de reconhecer o esforço envolvido no processo de sua elaboração.

Em um ambiente de iniciação à pesquisa, uma tentativa de argumentação, mesmo equivocada, representa um salto fundamental em direção à autonomia intelectual e um potente instrumento contra os obstáculos epistemológicos. Uma das principais preocupações da orientação de monografias é levar o aluno a compreender que pesquisar não é buscar o já dito, mas explorar o ainda não pensado, renovar a leitura das fontes, trazer para o pensamento novos significados e conceitos. Por este motivo a orientação das pesquisas tem sido na direção da não seleção prévia dos dados a partir de fins ou métodos determinados. Para uma sistematização dos sentidos dos acontecimentos particulares em sua variedade, tem-se procurado buscar, através da operação conceitual, a compreensão tanto das diversidades como das permanências. É para este aspecto da pesquisa que Paul Veyne aponta quando afirma que apenas a operação conceitual possibilita compreender o específico.¹ O conceito, em seu caráter abstrato e geral, permite delimitar o caso particular que antes se encontrava imerso na indiferença inefável do todo. Logo, quanto maior for o aparato conceitual, maior será a capacidade para a percepção das nuances. Inversamente, quanto menor a capacidade de conceituação, mais geral e superficial se torna a abordagem de um tema. A extrema generalização torna tudo é igual a tudo em um mar de indeterminação, assim como extrema individuação torna a ciência impossível, porque impede a operação conceitual. A cada conceito conquistado, afirma Paul Veyne, refinamos e enriquecemos nossa percepção do real. Sem conceitos nada se vê e tudo aparece como uma indistinta uniformidade.

Assim, é a partir das perguntas que esquadrinham todas as possibilidades, que o pesquisador pode interpretar, compreender, explicar e buscar a inteligibilidade. E por isso podemos dizer que faz ciência. Um dos grandes problemas da iniciação à pesquisa em ciências humanas, reside no fato de que diferentemente das ciências físicas, não existem fórmulas ou modelos. Suas constantes são mais difíceis de serem divisadas por que constituem conceitos, tipos ideais ou categorias.

É necessário, entretanto, sempre alertar o pesquisador iniciante para que não venha a cair na armadilha de confundir o conceito com o real para que não tome um caso particular como conceito absoluto. Todo conceito é uma abstração e querer reconhecer conceitos imediatamente nas fontes seria idealismo. Por outro

lado, nenhum fato é absoluto em si, porque ele só pode ser reconhecido e constituído pela operação conceitual.

Ao contrário de soluções, o pesquisador procura, portanto, problemas, e é a partir de sua formulação que deve buscar a abordagem que permita construir os conceitos que tragam à questão formulada, algum grau de inteligibilidade.

Podemos concluir que a elaboração das monografias vem se tornando um importante instrumento para a formação dos pedagogos, à medida que tem apontado para o questionamento dos discursos oficiais, do saber tradicional e dos modos de sua reprodução. Através do procedimento de análise dos significados veiculados pelos documentos têm sido possível compreender alguns aspectos das representações e estratégias tanto dos porta-vozes do pensamento oficial como daqueles que pretenderam contrapor-se politicamente às práticas das classes dominantes.

Notas:

¹ Ver VEYNE, Paul. "*O Inventário das Diferenças*". Ed. Brasiliense. S.P.: 1984.